

# **A FORMAÇÃO DA QUADRINISTA BRASILEIRA E SUA ATUAÇÃO e PERSPECTIVA NO MERCADO NACIONAL E INTERNACIONAL**

RÊGIS, Ana Manuela Farias  
Faculdade de Letras /Universidade Federal de Pelotas

SILVA, Úrsula Rosa da  
IAD/Universidade Federal de Pelotas

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa Caixa de Pandora – Mulheres Filósofas e Mulheres Artistas do Século XX e XXI, que apresenta o resultado de uma pesquisa sobre a existência das artistas brasileiras que trabalham no mercado de quadrinhos nacional e internacional. O fio condutor deste trabalho é a formação dessas mulheres em um universo dominado pelos os homens Este trabalho foi realizado a partir de levantamento biográfico e de entrevistas a cerca das desenhistas de quadrinhos brasileiros, que a partir deles, procuro mostrar a formação das quadrinistas e as influências que tiveram durante toda sua jornada como desenhista, se existe o preconceito do fato de ser mulher num mercado masculino, como é sua atuação no mercado de quadrinhos, como foram aceitas no mesmo mercado, quem são seus principais influenciadores, como houve essa formação, como está o mercado nacional e internacional para as quadrinistas. O interesse na pesquisa reside, justamente, em levantar dados da artista brasileira no universo de História em Quadrinhos para possibilitar como fonte de pesquisa dessas mulheres que até o presente momento são pouco estudadas.

### **A influencia da HQ**

Desde criança fui fascinada pelo universo dos quadrinhos e foi nesse período de formação que refleti sobre a importância dos quadrinhos no mundo, a iconologia por traz desses personagens fantasiados e entender a mensagem por traz de cada um deles. Muitas vezes, deparava com questões que no meu ponto de vista eram absurdas, mas no ponto de vista da sociedade que o produziu era bastante relevante, e foi então que percebi que os HQs não eram só entreterimento, mas também, um reflexo de uma sociedade. Durante meus trabalhos em relação aos quadrinhos senti uma grande barreira para trabalhar como profissional nessa área. O que as mulheres tinham de diferente que não poderiam também fazer parte como artista dos HQs? Vi, principalmente nos quadrinhos americanos, o quão é difícil uma mulher quebrar a barreira masculina e trabalhar com quadrinhos, de fato o ocidente para aceitar mulheres nesse campo é bem mais complexo que no oriente, pois lá, tem uma visão de mercado muito diferente do que ocorre por essas bandas daqui (Sato, 2006, 62).

Já no oriente os quadrinhos são divididos por gênero, ou seja, existem os quadrinhos para meninos, meninas, mulheres, homens e gays. Onde cada um deles abordam um tema específico, onde os quadrinhos voltados para cada universo é produzido por gente que faz parte desse mesmo contexto, sendo assim o mundo nesse quesito os quadrinhos orientais não é tão fechado para mulheres quanto é no mundo ocidental.

E a partir desse trabalho questiono como foi a formação das quadrinistas e as influencias que tiveram, se existe o preconceito do fato de ser mulher num mercado

masculino, como é sua atuação no mercado de quadrinhos, como foram aceitas no mesmo mercado, quem são seus principais influenciadores, como houve essa formação, se existe preconceito diante dos trabalhos apresentados, como está o mercado nacional e internacional para as quadrinistas.

### **Os Quadrinhos Americanos**

Antes de discorrer da origem das Comics americanas, explanarei qual o significado de História em Quadrinhos, comics, Manga, Bande Desiné, tudo isso engloba num só universo as imagens pictóricas e outras justapostas em seqüência deliberada destinadas a transmitir informações e / ou produzir uma resposta no espectador (McCloud Scott, 2005, pág 9).

Essa arte seqüência teve no ocidente, especificamente nos Estados Unidos, seu início com O Menino Amarelo – The Yellow Kid- de 1895, apesar de não ter sido a primeira obra publicada nesse gênero, esse quadrinho é considerado o marco inicial no ocidente, e com ele surgindo a expressão Comics – termo utilizado para quadrinhos norte americanos.(McCloud, 1994) Ao contrário do que se acredita, as HQs não foram, somente, criada para descontrair leitores, especialmente crianças, mas para mostrar um reflexo de uma sociedade da época.

Atualmente as mega empresas de quadrinhos Marvel e DC comics vem perdendo leitores e fechando cada vez suas portas para esse universo. Um dos fatores que Mccloud (2005) aponta é de ser um quadrinho heterossexual, masculino, branco e sem fim (nunca se tem um ponto final em suas estórias). Desse jeito só atrai leitores masculinos e por sua longevidade se perde leitores novos, já que são trabalhos há mais de 40 anos.

Uma das soluções que essas empresas trouxeram foram a produção de diversos filmes desses heróis quadrinísticos para atrair leitores de diversas idades, mas quando esse ‘novos’ leitores chegam às bancas deparam-se com outro grande problema: a de não identificar a estória dos filmes com o que se tem de quadrinhos. Nos filmes se mostra a origem de cada personagem e nos quadrinhos mostra uma trajetória que dura mais de 30 anos fazendo com que os leitores percam o interesse por eles. Diante de tanto dilema para atrair esses leitores as editoras constantemente relançam suas histórias de ‘origem’ e assim vão driblando cada vez mais esse grande dilema de ter personagens eternizados.

### **Os quadrinhos japoneses**

Já no oriente o mangá – desenhos irresponsáveis - conhecido como é hoje teve seu início nos anos 40 do século XX nas mãos de Osamu Tezuka, considerado em vida como o deus do mangá que inspirado nos desenhos do Wall Disney e nos cinemas de Chaplin, registrou seu espanto e vontade de produzir algo semelhante em seus quadrinhos (Cravett, 2006). *Por que os filmes americanos são tão diferentes dos japoneses? Como eu posso desenhar quadrinhos que façam as pessoas rir chorar e se emocionar como aquele filme?* (Tezuka, 2006. Pg. 30) (Figura 04).

Atualmente o Japão produz mais de 30 milhões de exemplares de diversos mangas por semana, séries para TV de longos capítulos (conhecido com animê), séries para TV com curtos capítulos (conhecidas como Ovas) e filmes de longa metragem, além de exportar todo esses produtos para diversos países, transformando os quadrinhos numa mão dupla onde temos um agente influenciado e influenciador nesse universo tão fascinante.

### **O perfil das quadrinistas brasileiras**

Basicamente, como foi abordado anteriormente os quadrinhos americanos eram voltados para homens, brancos e heterossexuais, e com isso dificilmente se formavam leitores mulheres e conseqüentemente desenhistas. Esse retrato também se refletiu no Brasil, até a década de 90 pode ter surgido alguma quadrinista, mas não que se tenha notícia de que tenha feito qualquer tipo de produção para editora ou fanzines (quadrinhos independentes) no Brasil. E dentro de todo esse universo surgiu a quadrinista brasileira, no

qual destaque Adriana Melo que surgiu em meados dos anos 90, desenhando uma página para Marvel Comics.

Já o caminho escolhido por mangakás (desenhista de mangá) brasileira a influência de manga surgiu na década de 60 na comunidade nipônica instalada por aqui, mas somente na década de 80 com Zillion, Patrulha Estrelar, Macross, Piratas do Espaço, Speed Racer, Candy Candy que o manga caiu no gosto brasileiro (Sidney Gusman, 2005). Não demorou para que pequenas empresas trouxessem mangas traduzidos para o Brasil como é o caso de “Crying Freeman, Mai, a garota sensível e Akira”. Mas foi nos anos 90 com Cavaleiros do Zodíaco, o animê deu seu maior salto e desde então não parou de trazer produções vindas do Japão pelas mãos de editoras como Conrad, JBC e Panini.

O mangá foi o principal estímulo das leitoras brasileiras a fazer uma produção semelhante a seu país de origem. Érica Awano foi uma das mulheres que se destacou nesse meio. No livro Cultura Pop Japonesa ela retrata o perfil na quadrinista mulher nipo-brasileira nesse ramo. São tipicamente descendentes de japoneses e que entendem como é a composição dos quadrinhos japoneses (como as onomatopéias que compõem a cena no mangá) e são essas meninas que mais se destacam nesse meio no Brasil.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Minha pesquisa tem caráter qualitativo, pois aborda a formação da artista brasileira no mercado do desenho em quadrinho nacional e internacional. Tenho como objetivo saber como ela “descobriu os quadrinhos” e interage no mercado, qual a percepção que ela tem em relação ao mercado de quadrinhos, quais as diferenças das produções nesses mercados que elas participam, qual a receptividade desse mercado. O tipo de pesquisa é o Estudo de caso, onde tenho como base principal forma as entrevistas feitas por mim para traçar o perfil delas.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Esse estudo inicial tinha como foco saber como era a receptividade dos quadrinhos para as mulheres brasileiras, por que se pensa nos quadrinhos como algo voltado para o público masculino, e no Japão não ocorre esse mesmo problema que acontece no Brasil e nos Estados Unidos. Foi durante minhas investigações que fui descobrindo essas questões no qual fui respondendo como as minhas indagações. Durante todo o processo do desenvolvimento da pesquisa fui respondendo as questões iniciais e desse modo surgiram outras questões, como as mulheres tiveram acesso aos quadrinhos na adolescência? Pois durante a pesquisa foi notado o aparecimento desses quadrinhos, mas sempre focando os garotos e deixando as mulheres de lado. Nos livros que abordam esse tema, não se comenta das influências que as mulheres tiveram. Fui focando para esse lado e a partir dessas inquietações que baseei meu roteiro de entrevista. A seleção das entrevistadas foi a partir das mulheres que produzem quadrinhos, ou que produziu trabalhos para alguma editora nacional ou internacional, desse modo seria mais rápido entender melhor esse acesso aos quadrinhos publicados no Brasil.

## **4 CONCLUSÕES**

Quando entrevistei essas mulheres foi percebido que a formação foi feita na “sorte”, ou seja, um colega, um namorado ou uma escola resolveu mostrar quadrinhos a essas mulheres que deram continuidade as suas leituras quadrinísticas e resolveram trabalhar com eles. Nas respostas das entrevistadas destaca-se que, as diferenças dos quadrinhos que são produzidos fora e dos que são produzidos dentro do país. Enquanto uma

teve seu trabalho aceito pelas grandes editoras, consegue sempre ter algum trabalho relacionado à área, a outra produz uma revista, tenta trazer e juntar os desenhistas que são anônimos no Brasil, numa revista totalmente on-line, já que as editoras independentes não tem condições de competir com grandes editoras no mercado.

No Início quando pensei em trabalhar com o preconceito nos quadrinhos e que esse preconceito são leis que massacraram qualquer produção local da América deixando mais estéreis a diversidade dos quadrinhos, mas com o rompimento da barreira ocidente / oriente essa esterilidade está começando a perder força, pois, a entrada do mangá no continente americano veio para romper barreiras com o que era, até então, produzido no Brasil. Diante de todo o processo, o traçado que consegui da formação da quadrinista de manga brasileira foi através de um artigo que aponta as nipo-brasileiras, onde sua formação começou ainda na década de 60 quando a comunidade nipo-brasileira em suas viagens ao Japão traziam em suas malas os mangás, nos quais essas meninas liam e a formação dos não nipo-brasileiras são de primeiramente pelos desenhos japoneses (animes) e depois pelo o manga. Desde a formação do quadrinho até como um produto de exportação e um influenciador de uma cultura visual, os quadrinhos precisam ser levados mais sério, deixando de ser somente uma mídia de entreterimento para contribuir na formação cultural.

Ainda é cedo para fazer uma analogia HQ com universo feminino, apesar da cultura Shoujo penetrar no Brasil e essas meninas produzirem mais mangás que meninos no país, o HQ ainda é visto como quadrinhos para meninos, pois os EUA chegou na mídia brasileira nos anos de 1930 e o primeiro mangá chegou no Brasil somente da década de 1980, 50 anos depois que as Comics dominavam o mercado brasileiro.

## 5 REFERÊNCIAS

CRAVETT, Paul. **Manga**: Como o Japão reinventou os quadrinhos. 1. ed. São Paulo: Conrad, 2006.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. Edição Histórica. São Paulo: M. Books, 2005.

\_\_\_\_\_. **Reinventando os Quadrinhos**. 1. ed. São Paulo: M. Books, 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro.